

FOTOS EM SITES: GEOGRAFIAS DA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Wenceslao Machado de Oliveira Jr.

*Doutor em Educação pela Unicamp
Professor na Faculdade de Educação da Unicamp*

GEOGRAFIA E GEOGRAFIAS

Um professor. Quarenta alunos. Tantas geografias possíveis em suas conversas e imaginações. Ao dar plural a uma palavra normalmente escrita e dita no singular, busco dizer das muitas geografias do espaço que são produzidas diariamente nas obras da cultura e nas práticas sociais dos mais diversos grupos e pessoas, entre elas as práticas escolares.

Mesmo a Geografia, tomada como área acadêmica, produz em seu movimento de pensar o espaço geográfico muitas grafias para ele. A universidade e a escola, no entanto, são apenas dois dos muitos locais onde o pensamento acerca do espaço é construído.

Na intenção de trazer a cultura contemporânea para circular também na escola, desenvolvemos percursos durante a formação inicial de professores nos quais os licenciandos entram em contato com outros universos culturais onde pensamentos acerca do espaço geográfico se manifestam em formas distintas das acadêmicas e escolares.

Na atividade relatada e discutida neste texto serão os portfólios fotográficos presentes na Internet o local da cultura contemporânea a ser privilegiado.

LINGUAGENS E TRADIÇÃO

Na tradição da formação de professores de Geografia, há uma grande valorização e discussão

das imagens provenientes da Cartografia. Desta forma, as obras cartográficas e a linguagem que lhes dá origem são muito usuais e presentes na configuração do pensamento geográfico, tendo um destaque tanto em número de pesquisadores quanto em número de trabalhos e livros publicados. Não há dúvida da sua importância e necessidade, uma vez a parceria entre estes dois campos do conhecimento sobre o espaço ser profícua em suas produções.

Nos últimos Encontros de Prática de Ensino de Geografia houve sempre GTs e Mesas Redondas sobre as linguagens na produção do conhecimento geográfico acadêmico e escolar. Nestes GTs e Mesas Redondas nota-se a predominância absoluta da linguagem cartográfica como central nas falas, preocupações e saberes elaborados.

Globos, mapas e atlas são materiais frequentes em atividades educativas de ensino ou aprendizagem da Geografia escolar. Em muitos destes materiais, notadamente nos atlas voltados à educação básica, a presença de obras oriundas de outras linguagens – desenhos, escrita, fotografias – evidencia a potencialidade que elas têm na criação e no desenvolvimento do pensamento acerca do espaço geográfico, seja ele próximo ou distante dos alunos.

A mais freqüente linguagem existente nestes atlas, paralela à linguagem cartográfica, é a fotográfica. Um número muito grande e variado de fotografias participa do discurso acerca dos lugares presentes nos atlas.

Fotos em sites: Geografias da cultura contemporânea

O Projeto de Pesquisa “Integrando universidade e escola por meio de uma pesquisa em colaboração: Atlas Municipais Escolares – Fase 2”, coordenado por Rosângela Doin de Almeida, entre 2002 e 2004, levou-me a iniciar reflexões sobre as potencialidades das fotos na construção do pensamento acerca do lugar ou mesmo do espaço geográfico. Foram muitas conversas e escritos sobre fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive. Muitas foram as anotações sobre linguagem fotográfica e Atlas Municipais Escolares discutidas no grupo de pesquisadores, apresentadas em congressos e enviadas para publicação. No resumo de uma destas publicações lê-se:

A partir da diversidade de fotografias existente no Atlas Municipal e Escolar de Rio Claro são tecidos comentários acerca das possibilidades educativas destas fotos no que se refere às passagens que elas facilitariam entre os saberes corporais – ligados às experiências cotidianas com o lugar onde se vive – e outros tipos de conhecimentos elaborados sobre esse lugar. As fotografias são tomadas como construtoras de discursos em enquadramentos e ângulos, cores e focos, que colocam em circulação certos sentidos, encobrindo outros, atuando na construção/instituição destes lugares aos olhos dos futuros leitores, mesmo daqueles que neles vivem. (Oliveira Jr, 2004, p.1)

Desde o envolvimento neste Projeto de Pesquisa a preocupação com a produção da realidade – e do espaço geográfico – gestada nas fotografias é um dos eixos de minha pesquisa e práticas junto aos cursos de licenciatura nos quais sou professor.

CULTURA CONTEMPORÂNEA: FOTOS EM SITES

Na atividade descrita e comentada a seguir, desenvolvida com alunos cursando os estágios de Licenciatura em Geografia, a linguagem fotográfica e o trabalho dos fotógrafos é que estarão em foco.

Para radicalizar o percurso proposto e inseri-lo com mais intensidade na cultura contemporânea,

optou-se por ir ao encontro das fotografias no banco de informações mais central na configuração de nosso tempo, a rede mundial de computadores.

Um novo mar, a internet. Ao navegar por este mar informativo e imagético, qualquer um de nós está diante de uma profusão de imagens fotográficas que nos remete a lugares espalhados pela superfície terrestre. Praias, cidades, regiões, países, estradas, oceanos. Em todos estes momentos de navegação, recebemos fotografias que vêm compor nossas memórias dos lugares, memórias estas que configuram, desde então, amparos para nosso pensamento acerca destes mesmos lugares, a maior parte deles nunca pisados por nossos pés.

Não só por nos darem a visualidade dos lugares, estas imagens estão a grafar em nós pensamentos sobre o espaço geográfico. Impregnados no visual, nos chegam também sentidos para estes lugares, maneiras de significá-los uns em relação aos outros, propondo-nos raciocínios e imaginações acerca de cada um deles e das relações que existem entre eles.

Pensamos que a principal atuação das fotografias na criação de grafias espaciais é a ratificação da visão como o sentido humano que nos dá o real com maior nitidez e densidade. O regime de visualidade como prova de realidade é mantido em nós também pela profusão das “provas visuais” que as fotografias nos dão da existência das coisas – dos lugares – no mundo. Desta forma, podemos dizer que a educação visual da memória acerca dos lugares é a marca mais potente da presença de muitas obras em linguagem fotográfica no mundo contemporâneo.

Seja em sites voltados à produção da atualidade, seja naqueles seguidores das tradições jornalísticas, a maior parte das fotos que encontramos querem que as vejamos como manifestações mesmas da realidade ocorrida num destes tantos lugares do planeta. É desta maneira que estas imagens grafam em nós o real, dando-nos a sensação de sua existência para além destas mesmas imagens.

CULTURA ACADÊMICA: LEITURAS QUE PERPASSARAM

No intuito de problematizar esta perspectiva em relação à fotografia – de tomá-la como manifestação objetiva, e portanto verdadeira, da realidade em si –, iniciamos o percurso da atividade educativa com os futuros professores de Geografia solicitando a eles que leiam o ensaio Agamenon e seu porquê – notas sobre a produção, a dissolução e o uso da realidade nos aparatos pedagógicos e nos meios de comunicação, de Jorge Larrosa.

Neste texto lemos:

Se nós fazemos hoje uma idéia de realidade, esta, em nossa condição de existência tardo-moderna, não pode ser entendida como dado objetivo que está por debaixo, ou mais além, das imagens que a mídia nos proporciona. Como e onde poderíamos aceder a uma tal realidade em si? A realidade, para nós, é, antes, o resultado do entrecruzar-se, do contaminar-se das múltiplas imagens, interpretações e reconstruções que competem entre si ou que, de qualquer maneira, sem coordenação central alguma, são distribuídas pela mídia. (Larrosa, 1999, p.154)

Estas frases foram escritas sob a inspiração do livro A sociedade transparente, de Gianni Vattimo. Este último autor concentra-se na produção e dissolução da realidade pela profusão imagética da mídia, enquanto o ensaio de Larrosa chama a atenção também para a produção e dissolução de realidade operada em outros locais da cultura, apontando para suas possíveis semelhanças no uso que fazem da realidade.

Mas que não se deixe enganar não apenas pelos jornais, ou pelo rádio, ou pela televisão ou pelo cinema, mas que não se deixe enganar tampouco por todos esses aparatos educativos ou culturais que, pretendendo imunizá-lo contra a mentira da mídia, inculam, talvez, outras formas de mentira, disfarçadas, desta vez, com o manto da realidade. (idem, p.153)

É a partir de frases como estas que conversamos com os alunos sobre a dimensão política de nossas escolhas como professores ao assumirmos tantas vezes alguma versão da realidade como

sendo a única, a verdadeira, a real.

Outros textos inspiradores das conversas, além do já citado de Jorge Larrosa, foram quatro pequenos ensaios de Luis Humberto presentes no livro Fotografia, a poética do banal, bem como o artigo A construção do Nacional na fotografia brasileira: o espelho europeu, de Boris Kossoy. Pelos títulos dos ensaios é possível perceber a escolha dos mesmos, voltada para realizar nos alunos uma aproximação com a linguagem fotográfica e o ato de fotografar. São estes os títulos: O olhar fotográfico, A segunda escolha, Fotografia: é urgente e necessário aprender a pensá-la e Fotografia: inquietação e ambigüidades.

No primeiro deles é possível ler:

A fotografia é a visão de uma realidade reinterpretada, escolhida muitas vezes a partir de sonhos pouco duráveis. Alucinação retida e vivida só na imaginação. Só lembranças. Uma espécie de viagem impune, na busca de razões. Ineficiente tentativa de explicar, mas que faz pensar. (Humberto, 2000, p.47)

No último destes ensaios, outro parágrafo que explicita o tom com que este autor e fotógrafo conversa com suas obras fotográficas:

A fotografia inquieta por sua ambigüidade. Trabalha com a realidade, mas não é, nem ao menos, um elemento confiável como comprobatório de uma verdade. (idem, p.57)

Se nos ensaios de Luis Humberto era a própria linguagem fotográfica que estava no centro de nossas preocupações, a leitura e observação das imagens no artigo de Boris Kossoy deu-nos um exemplo claro de como as fotografias participaram da produção de um lugar, no caso o Brasil do final do século XIX, de modo que este país tivesse uma imagem “mais adequada à idéia de civilização e progresso” (Kossoy, 2002, p.96).

Ao comentar as fotografias existentes no Album de vues du Brésil, publicação realizada pelo Imperador D. Pedro II e pelo Barão do Rio Branco para a Exposição Universal de Paris de 1889, o autor escreve:

Fotos em sites: Geografias da cultura contemporânea

Nos largos horizontes a perder de vista sente-se a essência daquilo que a diplomacia brasileira sempre fez questão de frisar no estrangeiro: as dimensões continentais do país, a unidade territorial etc. (idem, p.99)

Como exemplo mais bem acabado, o qual indica inclusive a existência de pós-produção fotográfica já naqueles anos, do “processo de construção de realidades sobre o Brasil” realizado neste Album, o autor apresenta duas imagens, publicadas nas páginas 122 e 123, Pedra de Ipojuca tomada da praia de Icarai e desenho feito a partir dela.

Ao comentar o conjunto das imagens do Album, temos os comentários do autor sobre este processo de produção de imagens – e realidades:



Percebe-se de imediato, que *as panorâmicas das cidades receberam “tratamento” especial de forma a refletir uma estética que compunha com a idéia de civilização. Todos os componentes das cenas registradas originalmente pela fotografia foram “traduzidos” para a linguagem plástica do desenho: retoques, acréscimos de elementos, supressão de detalhes, reforço de tonalidades, entre muitos outros recursos eram utilizados nesta tarefa de “reaproveitamento estético”. (...) Imagens gloriosas, visões de modernidade em grandes panoramas de*

conteúdos tornados “nítidos” pela intervenção pictórica, pós-fotográfica; cenários iluminados pelas luzes resplandescentes dos trópicos. (idem, p.98-9) grifos do autor

A partir destas leituras e imagens, fica mais tranquilo para os alunos tomarem as fotografias não como ilustrações ou miradas sobre os lugares, mas sim e principalmente como obras que, em linguagem fotográfica, constroem a imagem dos lugares, dando a eles certas formas e sentidos que estão presentes nas fotografias. Elas passam, portanto, a serem lidas como grafias que se estabelecem em nós, nos dizendo dos lugares e do espaço geográfico.

PRÁTICA EDUCATIVA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Tomando a realidade como algo criado no próprio jogo tenso de produzir e divulgar versões do real, após a leitura dos textos chegamos ao ponto do percurso educativo em que a pergunta central se coloca: *quais outras tantas geografias estão sendo criadas nas obras culturais que têm no espaço um de seus elementos narrativos?* O mote principal era lidar com a produção do espaço gestada pela e na linguagem fotográfica e suas obras, tendo como pano de fundo dois eixos da formação de professores: 1. a ampliação cultural dos futuros professores, proporcionada pelo contato dos alunos com parcelas da cultura contemporânea que não fazem parte da cultura massificada; 2. o pensamento sobre as muitas maneiras como estas obras poderiam – ou deveriam – compor as atividades educativas de uma escola que se quer parte da cultura e não mera reprodução curricular ou acadêmica.

A proposta de ampliação cultural realizou-se diretamente na Internet, a partir das imagens dos mais de 70 portfólios fotográficos presentes na ocasião no Fotosite, disponível em www.fotosite.terra.com.br, acessado durante as aulas.

Inicialmente todos os alunos, em duplas, deveriam circular aleatoriamente pelos portfólios que quisessem, entrando e saindo daqueles que lhes tocassem mais, direcionando-se por suas próprias preferências diante da tela. Clicando para abrir as fotos e circulando pelos muitos ensaios fotográficos ali presentes, os alunos to-

maram contato com a diversidade desta produção, estranhando-se e encantando-se com elas.

Num segundo momento, lhes era apresentado o nome de um daqueles fotógrafos e a dupla debruçava-se sobre as imagens deste artista pensando nas perguntas: “que geografia – que realidade – este fotógrafo produz com sua câmera – e seus processos de pós-produção?” e “de que forma estas imagens participariam de uma atividade educativa escolar?”.

Os fotógrafos escolhidos para este exercício eram, propositalmente, muito diferentes entre si. Alguns produzem imagens de forte apelo documental, sem tratamento posterior, buscando captar no instante fotográfico a crueza, a beleza, a poesia, a dor do real que estava diante das lentes e olhos. Outros atuam – ou parecem atuar – sobre o local/espço a ser enquadrado pela fotografia, produzindo ao mesmo tempo a sensação de irrealidade no ambiente a ser fotografado. Por fim, um grupo de fotógrafos que não agem no local/espço a ser enquadrado, mas sim atuam fortemente sobre suas fotografias originais, realizando um distanciamento nítido da perspectiva documental, sem com isto se distanciar da busca de dizer da realidade e do real que há no mundo e que é o mundo.

AS FOTOS ESCOLHIDAS PELOS ALUNOS

A cada dupla de alunos cabia a tarefa de circular pelas imagens do artista indicado por mim, tanto no portfólio do Fotosite quanto em outros sites da web onde encontrassem obras dele.

Formaram-se 23 duplas na classe. Duas delas optaram por escolher duas fotos do mesmo fotógrafo. As demais duplas seguiram a orientação inicial de escolha unitária.

A seguir estão todas as fotos escolhidas pelas duplas, separadas nos três grupos de fotógrafos acima explicitados. Algumas destas fotos serão novamente apresentadas mais a frente do texto, quando serão discutidas mais detidamente, tanto elas mesmas quanto a atividade educativa proposta a partir dela.

Neste momento, a intenção é dar ao leitor a visão da diversidade das fotografias escolhidas e ao mesmo tempo a predominância absoluta entre elas de imagens que remetem a uma leitura pautada na verossimilhança entre seu conteúdo imagético e as imagens que nossos olhos formam nas miradas e observações cotidianas. A maior distinção entre as fotos mais documentais e nossos olhares para o mundo talvez esteja no ponto de vista que algumas delas nos trazem. O mesmo não podemos dizer das fotos onde a pré-produção do lugar ou a pós-produção da imagem nos trazem visualizações dificilmente passíveis de vistas com olhos desarmados no mundo cotidiano.

1. Fotos mais documentais:

Fotógrafos: Araquém Alcântara, Roberto Linsker, Fernando Stickel, João Wainer, Lalo de Almeida, Paulo Marcos, Izan Petterle, Hilton Ribeiro, Marcelo Soubhia, Adriano Gambarini, Paula Sampaio, Tuca Vieira e Tuca Vieira.

2. Fotos com – aparente – pré-produção do local/espço a ser enquadrado:



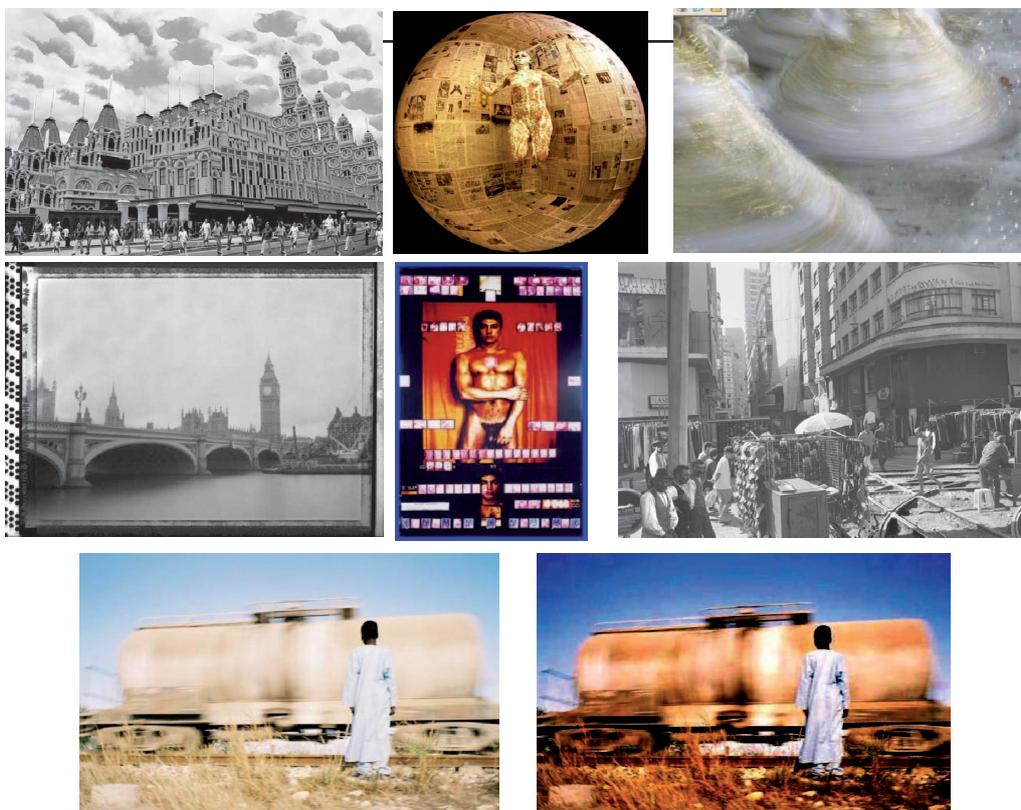
Fotos em sites: Geografias da cultura contemporânea



Fotógrafos: Adriano Ávila, Lucas Pupo, Leticia Valverdes e Lucia Guanaes.

3. Fotos com pós-produção no material fotografado:





Fotógrafos: Juan Esteves, Penna Prearo, Jaques Faing, Marcelo Saraiva, Gal Oppido, Marcelo Zochio, Jair Lanes e Jair Lanes.

Nas conversas que se desenrolaram ao longo e após a escolha das fotos pelas duplas, ficou forte a marca de que, dadas as tradições didáticas se pautarem exclusivamente pelas fotografias que se querem documentos do real, a grande maioria das fotos escolhidas concentrou-se em imagens verossimilhanças a situações passíveis de serem vistas no cotidiano justamente por serem mais documentais, por dizerem mais diretamente o que se gostaria de dizer apenas mostrando-as.

No entanto, apesar desta marca nas escolhas, é possível entrever outras mediações e outras possibilidades nestas escolhas. Algumas delas serão apontadas a seguir, outras deixarei à imaginação dos leitores.

AS PROPOSTAS DOS ALUNOS E AS GEOGRAFIAS NELAS DESCOBERTAS

Poucas atividades propostas pelas duplas de alunos me chegaram por escrito. Elas são o único vestígio de que disponho para dar a ver o final do percurso aqui relatado. A maioria das propostas foi feita oralmente em classe e se perdeu no tempo e na memória.

Dada esta pequena quantidade de propostas feitas pelas duplas de alunos, as deixarei na íntegra, tal qual me foram enviadas, de modo a permitir que os leitores ampliem minhas análises, mesmo porque não pretendo ser exaustivo nelas, uma vez que a intenção deste artigo é apresentar as muitas geografias – realidades – que as fotografias presentes nos sites constroem e não analisar as intenções dos alunos nas escolhas e propostas feitas por eles.

Iniciemos pelas atividades propostas por duas duplas que escolheram imagens do grupo a que chamei “mais documentais”.



Fotos em sites: Geografias da cultura contemporânea

A imagem escolhida faz parte de uma coleção onde o autor, Marcelo Soubhía, busca enfatizar o coletivo, o anonimato. As imagens não mostram indivíduos, mas somente os contornos, como na multidão, no dia-a-dia das grandes cidades, onde as pessoas tropeçam umas sobre as outras, mas não se conhecem.

A imagem em questão, que aparentemente retrata um andarilho caminhando no leito de uma rodovia do interior, como outras do acervo, foi produzida em movimento, está embaçada, bem pouco nítida, assim como o tempo em que vivemos, tempo de globalização, de escassez, de guerras, de violência...

Dessa forma, uma atividade didática possível seria a apresentação da imagem numa aula que contextualizasse a globalização, o modo de vida moderno (rápido) e a exclusão social. (escritos feitos em classe)



O conjunto de fotos selecionado, de autoria do fotógrafo Lalo de Almeida, trata em sua maioria do cotidiano de populações migrantes de baixa renda de regiões áridas. Pelo que se pode perceber pelas vestes, fisionomia e aspecto dos locais abordados, percebe-se a existência de poucos recursos e pouco acúmulo material por estas pessoas e mesmo assim um semblante de felicidade em seus rostos.

Mostra, com isso, a adaptação deste contingente populacional ao entorno habitado, com as migrações regionais, o modo de vida itinerante, que se faz, tanto pela aridez do local, quanto pela baixa renda e simplicidade de vida de tal população vinculada à atividade rural, na qual as condições de vida estão sujeitas às intempéries do clima e local no qual habita esta população, sem nenhum tipo de proteção de suas terras e produção.

O semblante de felicidade das pessoas nesta foto é o que mais nos intriga, pois ao contrário da maioria das fotos – que retratam a questão da sujeição do homem às intempéries do meio físico em que vivem, devido a falta de poder técnico e econômico para se estabelecerem em uma localidade (migrações devido a secas, por exemplo), como se fosse algo negativo e de consciência das pessoas expostas a tais situações – esta foto é antagônica, uma vez que as pessoas podem ser felizes vivendo sob tais condições, ou alienadas o suficiente para não terem consciência das baixas condições de vida a que estão sujeitas.

Como proposição de atividade para o estágio, o conjunto de fotos sugere a discussão das migrações internas no território nacional, principalmente em regiões áridas e pobres, a questão da seca, pobreza e alienação destas populações de baixa renda, sem acesso a base técnica, poder econômico e político suficiente para tentarem se fixar em uma localidade, ou mudar de atividade econômica. (escritos feitos em classe)

As duas atividades propostas estão submetidas ao enquadramento de algum conteúdo curricular tradicional nas escolas e aulas de Geografia: globalização e migração. Enquanto a segunda proposta segue uma leitura da fotografia colada nos elementos nela presentes – que remetem para um ambiente árido e uma população pobre, sofrida, porém feliz –, a primeira proposta se ampara não propriamente nos signos visuais da estrada e do homem à sua beira, mas sim na velocidade impregnada na foto pela falta de nitidez. Além disto, enquanto a segunda dupla toma a fotografia como momento de um acontecimento realista da migração – aquelas pessoas seriam efetivamente migrantes – a primeira dupla aponta para um sentido encontrado na fotografia – o de movimento rápido – e é este sentido que seria levado como mobilização dos alunos numa conversa sobre a globalização, ou seja, aquele homem e aquela estrada não necessariamente dizem da globalização, mas sim a rapidez com que eles foram capturados pela câmera do fotógrafo é que está dizer dela. A dimensão espacial do mundo – documentada pela foto ou interpretada pela dupla – estaria, portanto, impregnada no ato de fotografar e

não na imagem capturada. A geografia desta imagem estaria, portanto, mais no veículo onde estava o fotógrafo – que não aparece na imagem – do que nos elementos paisagísticos por ele captados. Radicalizando ainda mais a interpretação, poderíamos dizer que a geografia estaria na relação, de tensão e oposição, estabelecida entre o local de onde o fotógrafo olhou o mundo e o local do mundo – o caminhante na estrada – focalizado por ele: os sentidos contrários de deslocamento que deram à imagem seu embaçamento e sua velocidade.

Já a segunda dupla tomou o deslocamento das pessoas que vemos presentes na imagem capturada como sendo a dimensão espacial ali presente – o documento de um processo espacial –, ainda que tenha sido a felicidade nos rostos o que mais lhes tenha afetado, intrigado. Parece que os sentimentos ainda não cabem como centralidade nas aulas de Geografia por não serem considerados um elemento espacial. No entanto, ficou a pista, o desassossego que a foto trouxe: ela é antagônica à imagem do migrante... A realidade construída/apresentada pela fotografia é aquela que nega a visão dominante da vida do migrante e do sentido de tristeza das migrações. Nesta fotografia a migração – um fenômeno espacial – é alegre ou pelo menos carrega alegria em seu movimento de deslocamento, deste modo deslocando os fenômenos migratórios de sua restrita localização nas geografias da dor e da opressão.

Apesar da maioria das escolhas terem sido por imagens mais documentais, devido ao fato, segundo as palavras dos alunos, delas se prestarem com maior tranquilidade a mostrar o mundo que “deve ser mostrado” pela ciência na escola, houve duplas que decidiram pela escolha de fotos pouco documentais, mesmo tendo disponíveis no portfólio do fotógrafo imagens mais próximas dos nossos hábitos documentadores.

O exercício imaginativo sobre estas imagens foi mais difícil, mas também muito mais excitante e elucidativo, uma vez que nos levou a entrar nas formas de construção contemporânea do real – digital, imagética, ficcional e documental a um só tempo. Uma forma de construção do real que se dá na imagem, no ato mesmo de produzi-la enquanto realidade.

Na atividade a seguir temos como centro uma

fotografia do segundo grupo de fotógrafos, o que apontei como o dos realizadores de pré-produção do local/espço a ser enquadrado. Neste caso, a fotógrafa Lucia Guanaes não produz diretamente estes lugares, mas os busca em meio a novos ambientes existentes nas cidades. Na síntese do ensaio de onde foi retirada a foto, pode-se ler:

Fronteiras do Mar é um travelling realizado ao longo duma metrópole litorânea indefinida, Miami, Hong-Kong, Fortaleza, Salvador, não importa, pois nada mais parece distinguir tais espaços urbanos de beira-mar. Espigões e sky lines, praças e viadutos, terrenos baldios e condomínios fechados, shopping centers e playgrounds se sucedem. Nenhum ruído ou atividade parece perturbar a imensa solidão e a completa monotonia desta cidade, ao mesmo tempo real e “imaginada”. Algumas raras figuras humanas atravessam o quadro e, como notas musicais, fazem vibrar a paisagem. Silhuetas fugitivas, sombras impenetráveis, pedestres perdidos dentro de si mesmos. Quem são? Para onde vão? Mistério e magia do anonimato urbano... Cada imagem da série funciona como um fotograma que mostra um momento em suspenso (mas não decisivo) no desenrolar duma história, cabendo ao espectador imaginar o que vem a seguir. Reunidas, as imagens formam um puzzle de ficções urbanas onde se delineia o retrato duma única e contraditória cidade contemporânea chamada Brasil. (www.fotosite.terra.com.br)

Pensando na foto da Lucia Guanaes conseguimos refletir em alguns pontos: no conjunto delas é sempre apresentada uma pessoa em um campo aberto. Passa a idéia de solidão. Questões são apresentadas: a cidade está lá para ele, as oportunidades de trabalho, lazer, educação, convívio social? Ou ele se sente longe demais dela? Acontece tudo junto e ao mesmo tempo. Está tudo sendo construído e ele não interfere. Tirar o foco do mundo do indivíduo e posta-lo naquilo que a sociedade constrói, discutindo, políticas etc. (escritos feitos em classe)

Fotos em sites: Geografias da cultura contemporânea



Nota-se que ao invés de pensarem em uma atividade na qual esta fotografia iria afirmar algo – como ocorreu nas duas anteriores –, os alunos, diante do estranhamento com a inverossimilhança deste lugar, centraram sua proposta em perguntas. Um conhecimento pensado como dúvida e não como informação.

Deixam a marca de sua interpretação ao dizer que a foto passa a idéia de solidão e propõem uma atividade em que a cidade – o espaço construído – age sobre as pessoas, invertendo a idéia mais comum e difundida de serem as pessoas que a constroem.

Importante notar que a existência de apenas uma pessoa em meio a um espaço construído foi o que trouxe à imagem a idéia de solidão. A esta interpretação poderíamos contrapor o dito de Edward Hooper, artista americano que pintou muitos quadros em que vemos apenas uma pessoa em meio a construções urbanas. Ele dizia que estas pessoas estavam sozinhas, mas não solitárias, remetendo-nos mais para idéias de autonomia e anonimato por escolha pessoal e menos para a idéia de solidão imposta pelo meio urbano.

Os escritos da fotógrafa falam de figuras humanas que fazem vibrar a paisagem. Os alunos e Hooper apontam como a presença de uma só destas figuras pode ser entendida de maneiras opostas. Geografias da solidão imposta pela cidade ou da solidão deliberada do indivíduo? Seja como for, geografias da tensão entre o social construído e o individual que, ao nele permanecer, faz vibrar toda a paisagem pela sua perceptível presença que a fotografia nos revela.

Infelizmente nenhuma das duplas que escolheu imagens pós-produzidas escreveu sua proposta de atividade, mas sim a apresentou oralmente.

A imagem de Juan Esteves gerou muitos e muitos comentários quando foi apresentada por uma das duplas e por isto ainda me recordo de alguns deles, os que mais me chamaram a atenção por apontarem justamente a invenção de um outro espaço nesta imagem, criando outra forma de pensar a realidade a partir da dimensão espacial dela.

Numa mirada rápida, esta imagem nos traz a impressão de uma única construção e uma multidão de pessoas diferentes que caminham à sua frente. Olhando com mais vagar, nota-se a multiplicação e justaposição do mesmo, fazendo com que nos sejam reveladas as repetições que são as formas arquitetônicas de nossas cidades. Desta forma, justo por não apresentar as construções tal qual elas seriam vistas no local é que o fotógrafo alcança nos mostrar aquilo que foi chamado por um aluno de “a essência deste tipo de construção urbana”. Ao lidar com a justaposição de uma mesma imagem ao lado dela própria, o fotógrafo alcançou produzir um pensamento acerca do espaço que permitiu aos



alunos descobrirem uma geografia da semelhança naquilo que vinha sendo considerado, pelas experiências cotidianas, uma cidade feita somente de diferentes construções.

Da mesma maneira, ao nos remeter à idéia de multidão devido à presença de muitas formas humanas caminhando, o autor desta imagem termina por nos dizer o tanto que somos iguais aos demais, sendo sempre os mesmos apesar de outros.

É importante destacar que foi justamente na pós-produção que se alcançou dizer isto com a imagem. Nela é que se apresentou um real – uma geografia – para além do real fotografado. Somente quando este real fotografado foi justaposto lado a lado consigo mesmo é que este

outro real nos saltou aos olhos, grafando em nós outra forma de entender o espaço geográfico.

Finalizo a apresentação das propostas de atividades educativas feitas pelas duplas de alunos trazendo a este texto os escritos de um dos integrantes de uma das duplas. Estes escritos apontam uma potencialidade não prevista na atividade realizada: mais que uma proposição de atividade educativa, a observação das fotografias – a descoberta da felicidade em meio à pobreza material – levou este licenciando a pensar as relações sociais existentes na escola que lhe servia de campo de estágio à época e, por meio do olhar da menina fotografada, pensar diferentemente os jovens e crianças que lá estão na condição de alunos.

As imagens da fotógrafa me levaram a refletir sobre a condição da escola em que realizo meu campo de estágio, estadual, caracteristicamente frequentado por alunos da classe média-baixa.

O que as imagens da fotógrafa em questão, Paula Sampaio, me passam é a de uma visão do espaço geográfico diferente da habitualmente adotada pelas classes média e alta, sendo que, eu mesmo, faço parte da primeira. A noção de espaço geográfico que observo no trabalho de Paula Sampaio é a de que, mesmo na miséria, mesmo no deserto da falta de recursos o ser humano vive, não sobrevive. É capaz de adquirir cultura, conhecimento, possibilidade de tomar uma vida digna, com a cabeça erguida, e com



um semblante estranhamente positivo, puro, visionário, como o da menina em primeiro plano na foto selecionada, que se encontra próximo de seus semelhantes, que, ao contrário do que o senso comum poderia pensar, não perdem

seu tempo murmurando sobre a vida, mas vão atrás desta, e, conforme já dito, encontram um modo de vida, e não de sobrevivida.

Desta forma, levando em conta o fato de que, mesmo na aparente derrota do ser, há a vitória de ser feliz com o que se tem, reflito sobre meu campo de estágio, que, confesso, se realiza numa escola que sempre me deixou perplexo com a falta de recursos disponíveis. Para mim, este sempre foi uma desvantagem da EE Suzana Dias, já que, na minha concepção, a falta de recursos desanima e atrasa os professores, assim como os alunos, e faz com que esse movimento de inércia seja cada vez maior e mais presente.

A reflexão trazida pela obra de Paula Sampaio, no entanto, me faz pensar que é possível, sim, realizar atividades escolares interessantes e didáticas, mesmo com tal falta de recursos e de material. Um bom exemplo disso são as discussões a respeito da realidade de cada aluno, assim como de cada classe social, assunto de extrema relevância do ponto de vista da geografia, e que não necessita de recursos técnicos, já que, dentro de uma sala de aula, há cerca de quarenta pontos de vista diferentes a respeito do mundo e seu funcionamento, e que precisam somente de estímulo para se tornarem material mais que suficiente para um bom aprendizado sobre esse mundo em que todos nós, em uma postura ou outra, nos inserimos, para tornar uma aula de geografia viva, não sobrevivente.

Sempre me questioneiei, e confesso que se trata de uma atitude extremamente soberba de minha parte, sobre a capacidade de raciocínio dos alunos com os quais trabalho. Pareciam-me inertes em todas as aulas da professora de geografia. Preguiçosos, apáticos... Após tal reflexão, passo a reformular minha inquietação: seriam esses alunos realmente deficientes na capacidade reflexiva a respeito do mundo que a professora tenta mostrar, ou seriam seres dotados de tanta capacidade cognitiva como as pessoas com as quais eu convivo no meio acadêmico, mas sem o estímulo necessário para se tornarem grandes pensadores a respeito do funcionamento desse mesmo mundo?

Fotos em sites: Geografias da cultura contemporânea

Chegando à conclusão de que o que falta aos alunos com os quais trabalho é mesmo estímulo, o famoso “empurrãozinho”, proponho uma mudança na didática das aulas, no modo como esta é passada aos alunos que, tipicamente, estão habituados a trabalharem sobre uma reflexão já dada, sem sequer pensarem sobre o que estão fazendo naquele exato momento, de modo automático, sem usarem de seu raciocínio e de sua visão crítica – algo essencial para um bom entendimento da geografia – para ampliarem sua visão de mundo. Trata-se de uma atitude grande, e possível, não dependendo dos habituais recursos didáticos, que tornaria uma aula de geografia mais viva e mais digna. Vamos expor os quarenta pontos de vista presentes, entender como cada um deles se encaixa no entendimento do espaço geográfico, e, acredito, teremos uma aula de geografia estimulante e com capacidade de tocar os alunos. (escritos feitos em classe)

Na última frase este aluno retoma os escritos do início deste artigo e toma a existência de muitas geografias numa única sala de aula como um possível caminho para um maior estímulo a eles. No meu entender, este aluno está a dizer que a versão única de uma só realidade, de uma só geografia, é em si desestimulante, uma vez que já dá todas as respostas para todas as perguntas, não deixando vazios e dúvidas, não deixando possibilidades para que as outras geografias do espaço existentes em seus corpos se manifestem em classe, não deixando, enfim, que cada um destes alunos se poste no primeiro plano da imagem-aula e olhe de frente para o fotógrafo-professor e diga sua versão do mundo, do espaço, do lugar onde vive.

Ao longo do percurso desta atividade alcançamos conversar sobre a realidade das imagens fotográficas. Realidade da fotografia enquanto imagem que tem em si falas acerca do mundo, não enquanto imagem que apenas nos mostra o mundo.

Também conversamos sobre a força e potencialidade da linguagem fotográfica na produção e dissolução das imagens de realidade que temos e que nossos alunos têm e terão. Notadamente alcançamos conversar sobre a produção de

geografias do espaço – geografias – feitas pelas fotografias presentes na cultura contemporânea. O trabalho com as fotografias e com os fotógrafos nos permitiu conversar também sobre a cultura escolar e sua distinção da cultura para além dela, bem como nossas tensões e engajamentos como atuais e futuros professores que (não) criam passagens entre a cultura produzida fora da escola e nossas atividades docentes, uma vez que todo o percurso da atividade educativa aqui descrita destacou o quanto o pensamento sobre o espaço geográfico não é construído somente nas escolas e universidades, mas sim está disperso nas inúmeras outras práticas sociais, entre elas o ato de fotografar, seja ele profissional ou amador.

BIBLIOGRAFIA CITADA:

ALMEIDA, Rosângela Doin de & outros. **Integrando universidade e escola por meio de uma pesquisa em colaboração: Atlas Municipais Escolares – Fase 2 (Relatório Final)**. FAPESP/Ensino Público. Processo n. 02/00117-0. Rio Claro, 2004.

GUANAES, Lucia. **Fronteiras do mar**. Disponível em: <http://www.fotosite.terra.com.br> Acesso em 22 de agosto de 2007.

HUMBERTO, Luís. **Fotografia, a poética do banal**. Brasília: Editora da UnB, 2000.

KOSSOY, Boris. **A construção do Nacional na fotografia brasileira: o espelho europeu**. In: Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

LARROSA, Jorge. **Agamenon e seu porquêiro – notas sobre a produção, a dissolução e o uso da realidade nos aparatos pedagógicos e nos meios de comunicação**. In: Pedagogia profana – danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. **As fotografias e a instituição do lugar onde se vive - notas sobre linguagem fotográfica e atlas municipais escolares**. Anais do 12 Encontro Nacional de Didática e Prática de

Ensino – ENDIPE, Curitiba, 2004.

PORTFÓLIOS FOTOSITE. Disponível em: <http://www.fotosite.terra.com.br> Acesso em 21 de junho de 2006.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente.** Lisboa: Edições 70, 1991.

Resumo:

Em torno da pergunta “quais outras tantas geografias estão sendo criadas nas obras culturais que têm no espaço um de seus elementos narrativos?” é apresentada e discutida uma atividade educativa realizada no curso de Licenciatura em Geografia a partir das imagens dos mais de 70 portfólios fotográficos presentes em www.fotosite.com.br

O mote principal era lidar com a produção do espaço gestada pela e na linguagem fotográfica e suas obras, tendo como pano de fundo dois eixos da formação de professores: a ampliação cultural a partir do contato com obras da cultura e as muitas maneiras como estas obras poderiam compor atividades educativas de uma escola que se quer parte da cultura e não mera reprodução curricular ou acadêmica.

Palavras-chave:

geografias contemporâneas, fotografia, licenciatura em geografia

ABSTRACT:

Concerning the question “which other geographies are being created in the cultural works that have in this space one of its narrating elements?”, this work presents and discusses an educational activity carried out during the Geography License course program, from images of more than 70 photography portfolios found at www.fotosite.com.br

The main idea was to deal with the production of space administered by and in the photographic language and its works, having as a background two axes of the education of teachers: the cultural expansion, beginning with the contact with cultural works and the several ways in which these works could be used in the educational activities of a school that intends to be part of the culture, and not just an academic curriculum reproduction.

Keywords:

Contemporary geographies, photography, License in Geography

